



Universidade Federal do Pará
Instituto de Educação Matemática e Científica
Faculdade de Educação Matemática e Científica
Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens

MICHELLI NEVES MAGNO

**PRÁTICAS DE LEITURA A PARTIR DA CONTAÇÃO DE
HISTÓRIAS: APRENDIZAGENS NA FORMAÇÃO INICIAL DO
PROFESSOR**

Belém – PA
2015

MICHELLI NEVES MAGNO

PRÁTICAS DE LEITURA A PARTIR DA CONTAÇÃO DE
HISTÓRIAS: APRENDIZAGENS NA FORMAÇÃO INICIAL DO
PROFESSOR

Artigo submetido ao XII Seminário Nacional de Políticas Educacionais e Currículo – I Seminário Internacional de Políticas Públicas Educacionais, Cultura e Formação de Professores (PPGE/UFPA), apresentado no dia 26 de novembro de 2014, ampliado e apresentado como parte dos requisitos à obtenção de Grau no Curso de Licenciatura Integrada em Educação em Matemática, Ciências e Linguagem na Universidade Federal do Pará, sob a orientação da Prof.^a MSc. Lorena Bischoff Trescastro.

Belém – PA
2015

MICHELLI NEVES MAGNO

PRÁTICAS DE LEITURA A PARTIR DA CONTAÇÃO DE
HISTÓRIAS: APRENDIZAGENS NA FORMAÇÃO INICIAL DO
PROFESSOR

Artigo submetido ao XII Seminário Nacional de Políticas Educacionais e Currículo – I Seminário Internacional de Políticas Públicas Educacionais, Cultura e Formação de Professores (PPGE/UFPA), apresentado no dia 26 de novembro de 2014, ampliado e apresentado como parte dos requisitos à obtenção de Grau no Curso de Licenciatura Integrada em Educação em Matemática, Ciências e Linguagem na Universidade Federal do Pará, sob a orientação da Prof.^a. MSc. Lorena Bischoff Trescastro.

Profa. MSc. Lorena Bischoff Trescastro
Presidente da Banca (Orientadora)

Prof.^a. M.Sc. Elizabeth Cardoso Gerhardt Manfredo
Membro da Banca

Prof.^a. Dra. Izabel Cristina França dos Santos Rodrigues
Membro da Banca

Belém – PA
2015

Dedico este trabalho a todos que contribuíram para a minha formação. Desde familiares, a professores e outras pessoas que fizeram parte da minha vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que colaboraram para a minha formação, em especial:

A Deus, que em nome de Jesus tornou tudo isso possível.

A minha mãe Maria José Neves Magno, que se foi em maio de 2000 e ao meu pai Miguel Nunes Magno, que sempre acreditaram na educação como o maior tesouro que se pode deixar como herança aos filhos, a eles a minha imensa gratidão desse sonho que também sempre foi deles. E ao meu irmão Wagner Neves Magno que para mim é um exemplo e quem jamais eu poderia esquecer, que não é o único, mas que por ser o primeiro sempre cuidou de mim e fez de tudo para que eu pudesse alcançar meus objetivos.

A Adrian Tainã e Ariel Benício Magno de Souza, meus herdeiros e tesouros, que me motivam a seguir em frente e são a razão do meu viver e ao meu marido Alci Santos de Souza, por estar sempre ao meu lado me apoiando nos momentos mais difíceis.

A minha orientadora, Profa. Lorena Trescastro, que teve papel fundamental na minha formação, em nome da qual agradeço também a todos os meus professores pelas aprendizagens ao longo do Curso.

A meus demais familiares e a meus amigos, pela companhia e pelo auxílio em diversos momentos.

RESUMO

Este trabalho apresenta reflexões acerca das aprendizagens na formação inicial docente, no decorrer das observações e práticas em sala de aula desenvolvidas em situação de estágio de iniciação à docência na condição de bolsista do programa PIBID, mediante o desenvolvimento de um projeto de alfabetização de crianças a partir da contação de histórias. O projeto foi delineado e desenvolvido desde o ingresso da aluna no curso de graduação, culminando com a experiência, analisada neste trabalho, realizada em 2014, em duas turmas de uma escola, localizada no distrito de Icoaraci, em Belém-PA, sendo uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, composta por vinte e três alunos, e outra do 3º ano do Ensino Fundamental, composta por vinte e oito alunos, totalizando 51 crianças e uma professora/estagiária. A pesquisa colaborativa e participante de cunho qualitativo foi desenvolvida em sala de aula, com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, com o objetivo de elaborar e executar uma proposta de contação de histórias, como prática de leitura no processo de alfabetização e letramento, a fim de proporcionar acesso ao conhecimento linguístico e literário às crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A proposta didática se baseou em práticas de oralidade, leitura e escrita, vivenciadas pela turma, na qual a professora/estagiária contava história para a turma a partir da qual foram exploradas atividades de escrita, recontando a narrativa, em um movimento do oral para o escrito. Nesse trabalho, detectou-se que a prática de contação de histórias tem muito a contribuir com o processo de ensino e aprendizagem do educando, pois seu uso no ensino caracterizou-se como uma prática facilitadora do processo de ensino e aprendizagem na alfabetização e letramento das crianças, tornando o conhecimento acessível ao educando, principalmente a aqueles que ainda não sabiam ler e escrever plenamente, porque com a proposta didática desenvolvida, observou-se que os alunos conseguiram se manifestar sobre as suas compreensões leitoras e aquisições de conhecimentos, seja por meio de textos escritos ou em desenhos e até mesmo por meio de encenações de teatro, proporcionando o que se chama multiletramentos. Tal experiência proporcionou aprendizagens à professora-estagiária, relacionadas às práticas docentes de leitura em contexto escolar.

Palavras-chave: Alfabetização. Contação de histórias. Leitura. Formação docente.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. Introdução | 7 |
| 2. Uma abordagem preliminar acerca do tema | 9 |
| 3. Aportes metodológicos | 12 |
| 4. Relato de experiência: a contação de histórias na sala de aula | 13 |
| 5. Reflexão sobre a prática: análise e discussão dos dados | 27 |
| 6. Considerações finais | 30 |
| 7. Referências | 32 |
| 8. Anexos | 33 |

1. Introdução

A escolha da temática sobre práticas de leitura a partir da contação de histórias, focalizando as aprendizagens na formação inicial do professor, se justifica por meio da prática desenvolvida no estágio de iniciação à docência (PIBID), no qual a contação de histórias foi trabalhada de forma significativa para promover a aprendizagem na alfabetização e letramento das crianças, a partir da atividade o educando se envolvia na construção de conhecimentos nas atividades de ler e contar histórias.

O interesse pelo tema também foi motivado pela prática de docência desenvolvida em uma escola pública na região insular, mais precisamente na Ilha de Cotijuba, pela autora deste trabalho na condição de estagiária bolsista do PIBID, onde foi observada a ausência de materiais disponíveis para as práticas de leitura de textos literários na escola, no que diz respeito ao aspecto do desenvolvimento da prática da leitura, uma vez que as atividades de leitura observadas se restringiram ao uso do livro didático.

Partindo do pressuposto de que a contação de histórias é uma prática escolar necessária ao desenvolvimento da linguagem pela criança e acesso à cultura escrita, nosso interesse foi em elaborar propostas pedagógicas de contação de histórias a serem desenvolvidas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tendo em vista o potencial de leitura e produção de textos, a partir da contação de histórias, e o regaste desse tipo de prática, para que ela também não se perca em meio aos intensos processos e avanços tecnológicos.

A pesquisa colaborativa e participante de cunho qualitativo (LÜDKE e ANDRÉ, 1986) foi desenvolvida em sala de aula, com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A problemática da pesquisa decorreu das seguintes questões: (1) que atividades de contação de histórias são realizadas em sala de aula? (2) quais são os materiais usados nas atividades de leitura em sala de aula? (3) como a professora encaminha tais atividades em sala de aula? (4) de que modo às crianças respondem às atividades de contação de histórias? (5) que propostas de contação de história poderiam ser elaboradas com vistas a formar crianças leitoras? Tais questionamentos que nortearam o estudo e a prática desenvolvida em sala de aula.

Nesse sentido, a importância da temática consiste por as histórias infantis se tratarem de um gênero textual de fácil acessibilidade aos educandos, mesmo assim nem sempre são usados nas escolas, conforme se constatou em observações de estágio,

podendo assim, fazer parte do contexto escolar e do cotidiano destes e como de qualquer outra criança, apresenta-se como uma ferramenta no processo do ensino e da aprendizagem, para a inserção na cultura escrita e literária, principalmente, no que diz respeito ao processo de alfabetização e letramento escolar.

A relevância social da pesquisa consiste na preocupação em formar sujeitos pensantes, interpretadores, críticos e leitores, já que na vida, no exercício da cidadania somos solicitados constantemente em diferentes práticas de leitura, próprias da sociedade letrada. De modo que desde cedo, na escola, faz-se necessário que sejam criadas ações para que os alunos se sintam comprometidos com sua própria formação de leitores e, conseqüentemente, escritores também.

A relevância teórica se sustenta a partir dos estudos sobre alfabetização, letramento e múltiplos letramentos, mais especificamente no que os autores discorrem sobre o problema da aprendizagem no âmbito da leitura nos anos iniciais de escolarização. Apesar de toda a contribuição teórica na área, percebe-se que, muitas vezes, as práticas desenvolvidas pelos educadores não oferecem nenhum atrativo que motive o aluno para as atividades de leitura.

A relevância acadêmica está em contribuir com a formação docente inicial, bem como em formar um profissional consciente e reflexivo de suas ações, uma vez que não basta ao professor apenas ensinar, ele tem que saber o que e como ensinar, nesse sentido não basta ensinar os alunos a ler, mas tem que ser o professor um leitor também, pois é fundamental que ambos, professor e aluno, sejam praticantes do exercício da leitura na escola e na vida.

A relevância pessoal consiste em experiências e realizações pessoais, uma vez que houve a possibilidade de, com o desenvolvimento das atividades na escola, se alfabetizarem crianças que apesar de frequentar a escola ainda não sabia ler e escrever e com o trabalho desenvolvido isso tornou-se possível.

Diante do exposto, escolheu-se para este estudo, de caráter teórico, reflexivo e propositivo, focalizar a contação de história como prática de leitura no processo de alfabetização e letramento de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental, por proporcionar às crianças na escola, mediante as propostas que foram elaboradas, acesso ao conhecimento linguístico e literário, tão necessário ao desenvolvimento da educação, da cidadania e da cultura.

Neste sentido, o presente artigo está organizado em quatro seções. A primeira apresenta uma abordagem preliminar acerca das práticas de leitura em contexto escolar,

fundamentada em Marcuschi (2008), Freire (1989), Ferreiro e Palacio (1990), Soares (2011), Rojo e Moura (2012) e Rojo (2013). A segunda seção traz os aportes metodológicos, com a natureza e as etapas da pesquisa. Na terceira seção, para descrição e análise das práticas de leitura realizadas em sala de aula, apresenta o relato de experiência de contação de histórias. Na quarta seção, dando prosseguimento a análise e discussão dos dados, constam as reflexões sobre a prática com vistas a destacar as aprendizagens na formação inicial docente. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

2. Uma abordagem preliminar acerca do tema

Entendemos que a leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamento de outras culturas situadas em outros tempos ou lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o seu modo de ser do grupo social ao qual pertence.

As instituições de educação podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e em ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças.

De modo que é relevante, as crianças terem acesso à literatura e disporem de uma informação cultural que alimenta a imaginação e possibilita acesso à leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias, exige que o professor como leitor, preocupe-se em ler histórias com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida (TRESCASTRO, 2012).

Por leitura se entende, neste estudo, primeiramente, toda manifestação linguística que uma pessoa realiza para recuperar um pensamento formulado por outra e colocado em forma de escrita. Uma leitura pode ser ouvida, vista ou falada. Um texto escrito pode ser decifrado e decodificado por alguém que traduz o escrito numa realização de fala. A leitura oral é feita não somente por quem lê, mas pode ser dirigida a outras pessoas, que também leem o texto ouvindo-o. Os adultos leem histórias para crianças, o primeiro contato das crianças com a leitura ocorre desse modo. De modo que

ouvir histórias é uma forma de ler. A diferença entre ouvir a fala e ouvir a leitura está em que a fala é produzida espontaneamente, ao passo que a leitura é baseada em um texto escrito, que tem características próprias da língua escrita diferentes da fala espontânea (MARCUSCHI, 2008).

Para além de simples decodificação do escrito, ler pressupõe um sentido mais amplo, de compreensão do mundo e do estar no mundo, nos reportamos à compreensão de leitura de Freire (1989), para o qual a leitura possibilita a ampliação da visão de mundo. De acordo com Freire (1989, p.11-12),

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Para Freire (1989), a leitura é um instrumento fundamental para que o sujeito construa seu conhecimento e exerça sua cidadania. Isso porque a leitura, além de ampliar o entendimento de mundo que o leitor vem construindo, proporciona o acesso ao conhecimento com autonomia e possibilita a reflexão crítica, o debate e a troca de ideias de modo contextualizado. Assim, a leitura é, simultaneamente, objeto de conhecimento, instrumento de aprendizagem, prática social e de cidadania. De modo que, o ato de ler se constitui em uma ferramenta essencial ao desenvolvimento do sujeito em um ponto de vista dialógico e social nos processos de interação verbal.

Como se viu, ler não é apenas decifrar palavras. A leitura é um processo em que o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, apoiando-se em diferentes estratégias, como seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que se sabe sobre a linguagem e o gênero em questão. A leitura de histórias é uma rica fonte de aprendizagem de novos vocabulários e um bom texto deve admitir várias interpretações, superando-se, assim, o mito de que ler é somente extrair informação da escrita (SOLÉ, 1988).

Para Ferreiro e Palacio (1990, p. 21), “aprender a ler implica o desenvolvimento de estratégias para obter sentido do texto”, o que requer organização e evolução de esquemas sobre a informação presente no texto. Entretanto, isto só pode ocorrer se o texto for para o leitor principiante, significativo, que desperte interesse a ele. Se assim for entendida, a linguagem oral e escrita se aproximam, não se tornam tão diferentes. O que acontece é que muitas vezes a escola esquece que o ponto de partida para a aprendizagem é o aprendiz e não o conteúdo a ser estudado.

O entendimento da leitura e escrita, para Ferreiro e Palacio (1990), é primordial no processo de alfabetização que precisa ser tomado como um período de construção de conceitos complexos em que o aprendiz desenvolve a capacidade de compreensão de textos podendo participar de eventos mediados pela leitura e escrita. É nesse contexto que o trabalho com contação de história se torna fundamental, constituindo-se em as histórias em um instrumento que possibilita aos alunos refletirem, principalmente sobre os usos e funções da escrita.

De acordo com Marcuschi (2008), gênero (textual, de texto, discursivo, do discurso) são textos orais ou escritos concretizados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais se encontram presentes em nossa vida cotidiana oriundos das necessidades socioculturais e se articulam às inovações tecnológicas, se disseminam nas sociedades contemporâneas como o telefonema, o horóscopo, a carta comercial e pessoal, a receita culinária, a bula de remédio, os cartazes, as conversas, a lista de compra, o cardápio, as parlendas, as canções (cantigas populares) e outros. Nessa premissa, as contações de histórias são entendidas como textos empíricos, ou seja, são realizações reais da oralidade que na escola se representa concretamente sob a forma da leitura e da escrita para ser ensinado, no entanto se pretende aqui abordar a contação de histórias como uma estratégia de ensino da leitura.

Segundo Marcuschi (2008), a introdução de gêneros textuais na escola cria possibilidades de se trabalhar com a língua nos diferentes usos cotidianos. Entretanto, se faz relevante certa compreensão de que não existe um gênero textual mais adequado para o ensino da língua, e sim, existem gêneros considerados menos formais ou mais formais. Entendemos que a aprendizagem na alfabetização deva incluir atividades escolares e práticas sociais de oralidade, leitura e escrita, por isso propomos um trabalho com a contação de histórias, a partir da qual tais atividades e práticas se integram para favorecer a aprendizagem na escola.

Soares (2011) considera que o acesso ao mundo da escrita é de responsabilidade da escola, mais precisamente no processo de escolarização. Para a autora, cabe à escola proporcionar ao aluno tanto a aprendizagem das habilidades básicas de leitura e de escrita, denominada alfabetização, quanto o desenvolvimento, para além dessas aprendizagens, incluindo também os conhecimentos e as atitudes nos usos sociais da leitura e da escrita, denominado letramento. Soares (2011, p. 1) explica que “alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das

habilidades de utilizá-lo para ler e para escrever, ou seja: o domínio da tecnologia — do conjunto de técnicas — para exercer a arte e a ciência da escrita”.

Já letramento, a autora esclarece que se trata de

O exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se letramento que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos — para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor. (SOARES, 2011, p. 1)

Neste sentido, Rojo e Moura (2012) discutem a possibilidade de incluir na escola práticas de multiletramentos. De modo que nas práticas escolares adentrem a diversidade de linguagens e de mídias e de culturas que circulam socialmente e que tal diversidade seja tematizada nas práticas em sala de aula, para além de livros, outros textos mediados por vídeos, fotografias, pinturas, por exemplo, ganhem espaço na escola. A esta diversidade de usos é que a autora chama de multiletramentos, multilinguagens, multiculturas. Para Rojo (2013) isso “implicaria em uma pedagogia de projeto e não em uma pedagogia de conteúdos”. Entendemos que o projeto de contação de histórias, que ora realizamos, por explorar além das histórias dos livros infantis, também desenhos, textos escritos, vídeos, brincadeiras, encaminhou-se nesta perspectiva.

3. Aportes metodológicos

A pesquisa colaborativa e participante, proposta neste trabalho, é do tipo aplicada, qualitativa, bibliográfica e descritiva. A pesquisa é aplicada, pois teve aplicação prática no contexto da sala de aula. Trata-se de pesquisa qualitativa, pois não foram feitas coletas e análises de dados em termos quantitativos, mas mediante observação e descrição dos dados. A pesquisa foi bibliográfica, pois as fundamentações foram feitas a partir de livros, artigos e revistas acadêmicas. E a pesquisa se caracteriza por descritiva, porque foram feitas descrições dos métodos, procedimentos e resultados.

Partindo do pressuposto de que “o interesse pelo tema pode ser próximo – visando solucionar questões presentes no cotidiano do trabalho” (FAZENDA, 1994, p. 16), a pesquisa, com metodologia participante e colaborativa, foi desenvolvida em sala

de aula, mais precisamente, em duas turmas de uma escola localizada no distrito de Icoaraci em Belém, com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A metodologia do estudo compreendeu cinco etapas:

- (1) Na primeira etapa foram feitas observações em sala de aula;
- (2) Na segunda etapa buscaram-se em diferentes teóricos os conceitos e fundamentos sobre o tema escolhido;
- (3) Na terceira etapa foi desenvolvida uma proposta de atividades de contação de história;
- (4) Na última etapa, foi aplicada a proposta de atividades de contação de história na sala de aula, compreendendo 10 aulas, com duração de dois meses;
- (5) Na quinta etapa foi feito o relato da experiência e a análise da experiência realizada em sala de aula no Ensino Fundamental.

4. Relato de experiência: a contação de histórias na sala de aula

O trabalho com a metodologia de contação de história foi desenvolvido desde o primeiro ano de ingresso da autora na graduação, por meio da prática de estágio de iniciação à docência na condição de bolsista do programa PIBID. Por um período de um pouco mais de dois anos, as atividades com o gênero foram desenvolvidas às segundas-feiras, durante quatro horas, com os alunos que, segundo a professora da turma, apresentavam alguma dificuldade na aprendizagem, principalmente na leitura. Nesse período, desenvolveu-se um trabalho a partir de lendas amazônicas, pois o objetivo não era somente ajudá-los em suas dificuldades, mas também em apresentar aos alunos um pouco do universo cultural amazônico a partir das atividades de ler e de contar histórias.

Com pouco conhecimento sobre o gênero lenda e o trabalho docente, por parte da bolsista/estagiária, as atividades foram desenvolvidas com o apoio de um livro de história, a partir do qual eram lidas as histórias para os educandos, no caso as lendas, e em seguida sempre pedíamos para que os alunos fizessem registros da história lida com desenhos ou escritas, para que pudessemos sondar a compreensão leitora dos alunos acerca do gênero.

Depois foram feitas atividades como ditado e construções de pequenos textos, utilizando o repertório de palavras da lenda lida, inclusive com auxílio do alfabeto móvel eram usados como exercício de formação de palavras. No decorrer do trabalho, foi percebido que os alunos não mais se sentiam motivados a participar das aulas, eles até se deslocavam ao encontro, porém não eram mais participativos como antes, foi

quando surgiu a ideia de não somente ler as lendas para eles, mas também de interpretá-las por meio da linguagem da encenação. A partir disso, reservou-se sempre às duas horas finais dos encontros para que se ensaiasse uma peça a ser apresentada em dia de festividade na instituição de ensino, esses alunos se apresentassem como atração especial nos eventos da escola.

A experiência desse trabalho foi muito desafiadora, pois não se tinha conhecimento da metodologia da contação de histórias e dos seus efeitos, na verdade antes desse trabalho nunca havíamos contado histórias antes, e ali apenas liamos as lendas para as crianças e elas as reproduziam de maneira como significavam para elas. As reproduções das lendas feitas pelas crianças eram quase sempre em forma de desenhos, devido muitas delas ainda não apresentarem domínio da escrita e outras por serem tímidas, sob esse último aspecto a timidez, com este trabalho, a encenação das lendas contribuiu para que os alunos superassem a timidez e se expressassem nas apresentações feitas frente à comunidade escolar.

Por fim, nesse trabalho detectamos que a prática de contação de histórias tem muito a contribuir com o processo do ensino e da aprendizagem do educando, pois seu uso no ensino caracterizou-se como uma prática didática facilitadora do processo no que diz respeito à aprendizagem, tornando o conhecimento acessível ao educando, principalmente, a aqueles que por não terem domínio da leitura e nem da escrita, ainda assim conseguiram se manifestar sobre as suas compreensões e aquisições de seus conhecimentos, seja por meio de textos orais e ou em desenhos e até mesmo por meio das encenações de teatro.

Já na prática de estágio obrigatório I, as minhas experiências com a contação de histórias se cumpriram de maneira bem mais significativa para a minha formação enquanto educadora, já que me foram oportunizadas outras perspectivas de ensino a partir da metodologia, onde cito o projeto da Ciranda do Livro, que ocorria em uma forma de rodízio de livros entre os educandos com o intuito de estimular a prática da leitura e, conseqüentemente, a formação de leitores que desde muito cedo já desenvolvem e inserem o hábito da leitura em seu cotidiano.

O projeto A Ciranda do Livro acontecia todas sextas-feiras sobre um tapete de tecido esticado ao chão, preenchidos de textos, poesias e histórias escritas a mão para deixar o ambiente convidativo à prática, onde ficavam todos os livros disponíveis para o movimento de troca da ciranda. A ciranda só chegaria ao fim quando todos os sujeitos, ou melhor, os *cirandeiros*, contemplassem a todos com as mesmas obras, sendo que a

cada livro lido seria feito um registro sobre o material, de maneira a explorar a estrutura da obra e os seus componentes, tais como os personagens e como se comportavam estes nas histórias, no sentido de questioná-los também sobre onde, como e por que acontecia a história entre outros.

Como disse antes, este trabalho teve outro significado para minha formação, enquanto educadora, pois ele veio acrescentar algo mais, veio acrescentar novas metodologias de ensino a partir da contação de história, já que apresentou novas maneiras para a prática de leitura na escola, ampliando assim o universo de possibilidades para a promoção do ensino da leitura para as crianças. Além de trabalhar as questões morais a partir da interpretação da moral da história, a atividade também promoveu o sentimento de compartilhamento entre os alunos, uma vez em que eles executavam a troca dos livros uns com os outros. Ainda nessa dinâmica, foi significativo aprender sobre as histórias que contemplam questões morais e de uso comum como, por exemplo: Os três porquinhos, A pequena sereia, Chapeuzinho Vermelho, entre outros.

Ainda na prática de Estágio Obrigatório, só que agora voltado para alunos das ilhas, foi trabalhada a contação, leitura, interpretação e encenação das histórias. Desta vez, o trabalho foi realizado de maneira mais consciente, devido aos estudos e a fundamentação teórica a respeito do gênero, e ainda mais quando somadas as experiências das práticas anteriores. A prática de contação foi trabalhada simultaneamente com a prática de encenação, ou seja, ao mesmo tempo em que se contava a história envolvia-se os alunos na dinâmica da história por meio da participação teatral. Além disso, observou-se que os alunos relacionavam as histórias a sua maneira de viver, uma vez que, em algumas atividades em que a continuidade das histórias foram propostas, eles as finalizavam de acordo com suas vivências, modificando a história original.

Como proposta do projeto a prática de leitura a partir da contação e da leitura de histórias, foi aplicada em uma escola de educação fundamental, do distrito de Icoaraci em Belém. Onde se adotou a metodologia de leitura e contação das histórias em duas turmas, sendo uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, composta por vinte e três alunos, e outra do 3º ano do Ensino Fundamental, composta por vinte e oito alunos, totalizando 51 crianças e uma professora/estagiária. Foram seis as histórias selecionadas para o trabalho, e dez as seções, nas quais as dinâmicas de leitura foram aplicadas de maneira alternadas durante os dias da semana (com exceção da quarta - feira, pois é dia

que contempla as aulas de Educação Física), sendo que em um dia se desenvolvia a prática na turma do 2º ano, sempre após o intervalo, e no outro dia na turma do 3º ano, no período de 09 a 25 de setembro de 2014, conforme veremos a seguir.

Em 09.09 2014, foi feita a contação de história em uma dinâmica de leitura de um conto popular francês, intitulado A casa que João construiu, em uma versão do mundo da criança (Histórias do mundo), recontado por André Koogan Breitman e ilustrado pela Companhia de Desenhos da Editora Delta. Essa dinâmica de leitura foi apresentada na turma de 2º ano de maneira que a história foi lida na íntegra aos alunos, contada em voz alta e também com exposição das ilustrações do livro para facilitar a compreensão da obra. Após lida, os alunos tiveram que recontar a história e escrevê-la por escrito, da maneira como entenderam ou visualizaram o conto (Figuras 1 e 2). Essa história envolvia uma sequência de fatos, conforme pode se observar no Anexo 1.



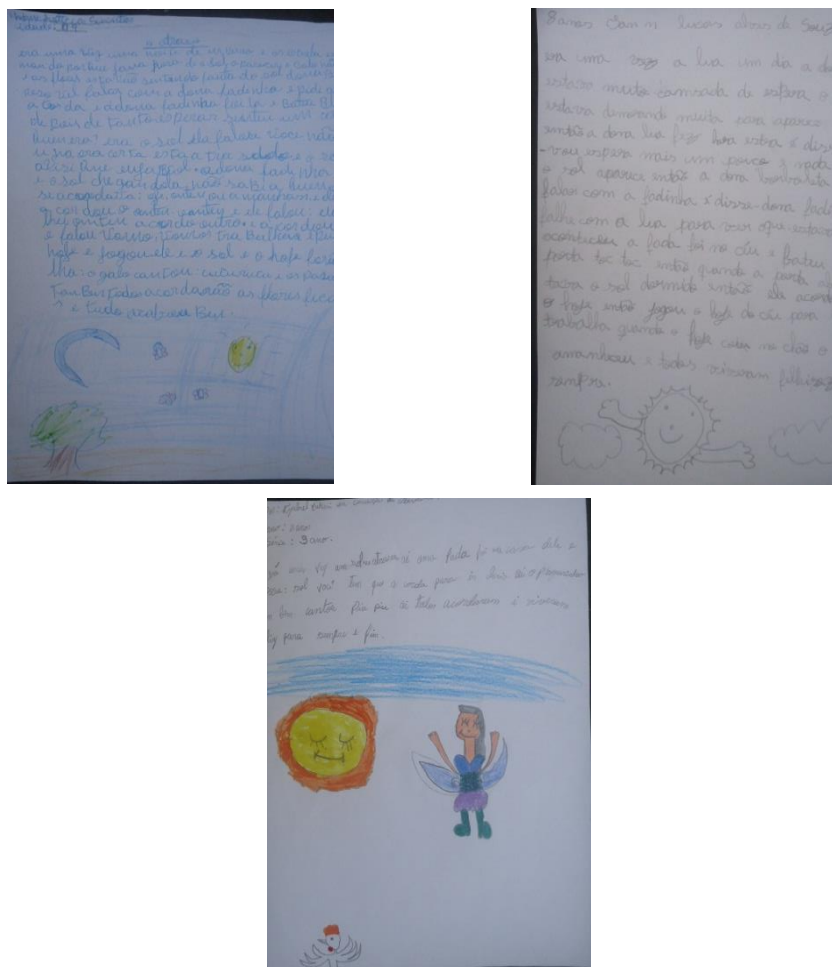
Figuras 1 e 2: Escrita e ilustração da história A casa que João construiu, 2º ano.

Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

Na Figura 1, pode-se ler o texto de Ariel, 6 anos, aluno do 2º ano: “essa é a casa que João construiu esse é o queijo que tava na casa que João construiu” e o na Figura 2 o aluno Thiago Santos Felipe, 7 anos, do 2º ano, escreveu: “a casa que o João construiu”. Diante dos registros é notório observar que os alunos registraram o conteúdo da história, uma vez que ao recontarem a narrativa em forma de desenhos como acima, é evidente a presença de acontecimentos marcantes da história. Nesse caso, como a narrativa se trata de uma sequência de acontecimentos, é possível verificarmos a sequência de alguns fatos da história como demonstrado nos desenhos da Figura 2. Já na Figura 1, em seu registro, o aluno tomou para si o título da narrativa e fez seu registro apoiado nas lembranças das imagens que antes havia visto na leitura do livro.

Em 11.09.2014, foi feita a leitura da história O atraso em uma turma do 3º ano, com o objetivo de depois de ouvida, os alunos recontarem a história da maneira como compreenderam em forma de texto, explicando a eles que para todo texto existe um

autor, de modo que eles eram os responsáveis pelas próprias produções, portanto, ao escreverem passam os alunos a serem os autores de suas obras. Para isso, foi lida e apresentadas aos alunos ilustrações do livro: O Atraso, uma obra de Nely A. Guernelli Nucci, com ilustrações de Osvaldo Sanches Sequetin, para que os alunos a reproduzissem por escrito depois (Figuras 3, 4 e 5). A história do referido livro consta no Anexo 2.



Figuras 3, 4 e 5: Escrita e ilustração da história O atraso, 3ºano.

Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

Na Figura 3, pode-se ler o texto da aluna Letícia Santos, de 09 anos, 3º ano: “era uma vez uma noite de inverno e as estrelas estavam reclamando porque ja era hora de o sol aparecer o Galo não cantou e as flores estavam sentindo falta do sol dona BorBoleta resolveu falar com a dona fadinha e pidi au sol para acordar e a dona fadinha foi la e Bateu BlimBlon depois de tanto esperar sentiu um calor sinhô quem era? era o sol ela falou você não acordou na ora certa esta atrasado e o sol falol avisi que eujavol. a dona fadinha avisol e so sol chegandola não sabia quem acorda se acordava: oje, onten ou

amanhan. e desidio acodou o ontem. oonten e ele falou: eu trabalhei ontem acordo outro. E acordou o hoje e falou vamo, vamos trabalhar e puxou o hoje e jogou ele e o sol e o hoje farão trabalha: o galo cantou cucurucu e os passarinhos também todos acordarão as flores ficara felzes e tudo acabou Bem”.

Na Figura 4 consta o texto escrito pelo aluno Iann Lucas, 08 anos, 3º ano: “Era uma vez a lua um dia a dona lua Estava mutto camsada de espera o dia Estava demorando muita para aparece Emtão a dona lua fez hora estra é disse. - vou espera mais um pouco e nada de o sol aparece então a dona borboleta foifalar com a fadinha é disse dona fadinha falhe com a lua para ver oque estava aconteceu a fada foi no céu e bateu na porta toc toc então quando a porta abriu tava o sol dormido então ele acordou o hoje então jogou o hoje do céu para trabalha quando o hoje caiu no chão o dia amanheceu e todos viveram felhizez para sempre”.

Na Figura 5, pode-se ler o texto do aluno Gabriel Yukari da Conceição de Oliveira, 08 anos, 3ºano: “éera uma vez um sol se atrasouai uma fada Foi na casa dele e disse: sol você temque a cordapara ir claria ai o passarinho tan bem cantou piu piu ai todos acordaram i viveram feliz para sempre e fim.”

Pode-se verificar que os alunos do 3º ano em seus registros evidenciaram no texto os acontecimentos mais marcantes da narrativa, vale ressaltar também a autonomia dos alunos, quando eles vivificam os personagens de acordo com suas vivências, a exemplo do canto dos pássaros que para o aluno cantam “piu piu” (Figura 5, 3º ano). E ainda podemos contemplar por meio dos registros a compreensão dos alunos no que diz respeito ao conteúdo da narrativa. Os educandos identificaram os motivos ou causa do dia não ter amanhecido, referindo-se ao atraso do dia não somente por causa do Sol que estava dormindo, mas também ao hoje que não acordou o Sol. Ao escreverem a história os alunos lidaram com palavras que se referem a conceitos sobre o tempo.

Em 12.09.2014, foi aplicada a dinâmica da leitura e da contação de história ao mesmo tempo, pois devido a história ser um pouco extensa teve-se que abreviar um pouco a história, para isso se utilizou da contação da história para envolver o aluno na ação, pois isso foi preciso para que os alunos não ficassem dispersos durante a prática, e assim desta maneira, evitasse que a ação metodológica se tornasse cansativa aos alunos. Desta forma, prosseguiu-se a dinâmica da história com o auxílio da obra intitulada Jujubalândia, uma obra de Mariana Caltabiano e ilustrações de Caio Borges, Daniel Caballero e Rodrigo Leão. Em seguida, foi pedido para os educandos do 2º ano que a

reproduziram de acordo com os seus entendimentos (Figuras 6 e 7). O resumo da história está no Anexo 3.



Figuras 6 e 7: Escrita e ilustração da história Jujubalândia, 2º ano.

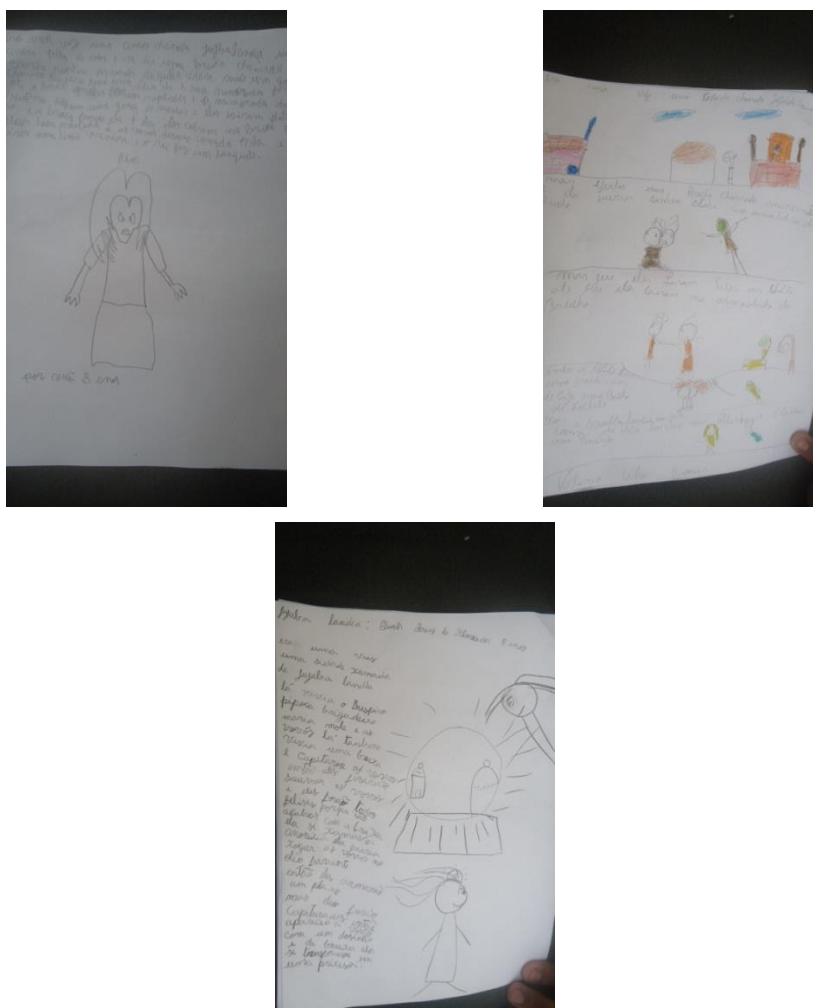
Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

Na Figura 6, o texto do aluno Ariel Benicio, 6 anos, 2ºano, conta que: “a bruxa era feia porque ela não comeu ai a bruxa ficou linda depois de comer” e na Figura 7, na produção da aluna Thais, 8 anos, 2º ano, a história foi representada por meio de desenhos apenas. Apoiados nas imagens da obra que outrora a partir da contação de história foi exposta, os alunos fizeram seus registros de acordo com seu imaginário, como exemplificado nas Figuras 6 e 7 acima. Observou-se também que alunos dessa turma de 2º ano, diferentemente dos alunos do 3º ano, preferem fazer seus registros em forma de desenhos ao invés de textos escritos.

Neste dia, percebeu-se um equívoco em relação à extensão do texto a ser trabalhado com as crianças, em que minhas reflexões se voltaram sobre a seleção da obra que deveria considerar o tamanho do texto para determinadas faixa-etária dos alunos, para que evitasse que os mesmos ficassem dispersos no decorrer da contação, porque como se viu alunos menores de 2º ano, assim os maiores do 3º ano, demonstraram compreensão de um texto anteriormente considerado longo para essa turma.

Em 15.09.2014, apresentou-se a obra de Mariana Caltabiano, com ilustração de Caio Borges, Daniel Caballero e Rodrigo Leão, à turma do 3ºano do Ensino Fundamental. A história Jujubalândia foi ministrada na forma de contação de história, como estratégia de envolver o alunado na prática e de tornar a dinâmica mais prazerosa e não cansativa devido a sua extensão. Por se tratar de uma contação de história não foi realizada na íntegra e sim de maneira espontânea, porém com o auxílio das imagens da obra para que melhor os alunos compreendessem a história a partir da visualização da ilustração da obra. Como registro de aprendizagem foi pedido para que os educandos recontassem a história da maneira como compreenderam em forma de desenho e texto

escrito (Figuras 8, 9 e 10). O conteúdo da obra é o mesmo da turma do 2º ano (Anexo 3).



Figuras 8, 9 e 10: Escrita e ilustração da história Jujubalândia, 3º ano.

Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

Na Figura 8, o texto de Cauã, 8 anos, 3ºano, apresenta: “era uma vez uma cidade jujbalandia uma cidade feita de doces + um dia uma bruxa chamad anorexa raptou as vovós daquela cidade mais um garoto chamado suspiro teve uma ideia ele e sua namorada foram até a bruxa + eles foram raptadas + a namorada do suspiro pegou uma goma de mascar e eles saíram flutuando e a bruxa furou ela + eles caíram na bruxa e ela ficou toda melecada e as vovós deram comida p/ ela e ela virou uma linda princesa e o rei fez um banquete. Fim”

Na Figura 9, o texto de Vitoria, 8 anos, 3º ano, diz: “era uma vez uma cidade chamada jujubalandiamas ezirtia uma brucha anoremsa e ela queria tambem acaba com amaldisao do brucho mas que eles foram salva as vovo ate que eles caíram na armadinha da brucha então a pipoca deu uma grande ideia de faze uma bolha de xiclete

mas a brucha lancou um gato e umma ela volo lansou um bolinhos e ela virou uma prinseza.”

Na Figura 10, Eloah, 8 anos, 3ºano, em seu texto conta: “era uma veis uma sidade xamada jujuba landia lá vivia o suspiro pipoca brigadeiro maria mole e as vovós lá também vivia uma bruxa e capturou as vovos então eles forarão salvar as vovos e eles forão todo felises porque ião com a bruxa ela si anorexia ela queria xogar as vovs no oleo fervente então eles armarão um plano mas eles forão capturados então apareceo a vovo com um dosinho e de bruxa ela se transformou em uma pricesa.”

Nos três textos acima, os alunos do 3º ano demonstram ter compreendido o conteúdo da narrativa, haja a vista que por meio dos registros podemos observar os acontecimentos da história em uma ordem cronológica dos fatos, há uma organização de tempo, nos registros encontramos o início, o desenvolvimento e o final da história, compreendendo um texto coerente e completo. Em especial essa história veio a contribuir de maneira bem significativa para o vocabulo dos alunos, uma vez que, a narrativa trouxe palavras de uso não muito comum ao cotidiano das crianças (anoréxica e anorexia, por exemplo), e desta forma, a contação de histórias com palavras novas pode contribuir e ampliar o repertório linguístico dos alunos.

Em 16.09.2014, foi ministrada a leitura da obra *O atraso*, de autoria de Nely A. Guernelli Nucci, com ilustração de Osvaldo Sanches Sequetin, para a turma do 2º ano, após a leitura, os educandos fizeram seus registros sobre a compreensão da narrativa em forma de registros de desenhos ou textos escritos (Figuras 11 e 12). A narrativa explorou o acontecimento do dia que não amanheceu, porque o sol não acordou porque o hoje estava dormindo. O conteúdo da obra é o mesmo do 3ºano (Anexo 2).



Figuras 11 e 12: Escrita e ilustração da história *O atraso*, 2ºano.

Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

Na Figura 11, o registro da história pelo aluno Rian, 8 anos, 2ºano, foi feito por desenhos e na Figura 12 o aluno Ariel, 6 anos, 2ºano, além de desenhos, escreveu: “o sol se atrasou para sair é o sol empurrou o hoje e comesou o dia the end/ fim”. Os registros demonstram a compreensão dos alunos a respeito da narrativa, mais uma vez

preferentemente por meio de desenhos, característica de registro frequentemente adotada pela turma de 2º ano. Nos registros, pode-se verificar a presença dos personagens e os acontecimentos da história, como podemos observar nas Figuras 11 e 12 acima. Vale ressaltar que essa história, trazia palavras que expressam conceitos de tempo e que os alunos demonstraram compreendê-las, uma vez que o aluno no texto da Figura 12, dentre outras, empregou a palavra “hoje”.

Em 18.09.2014, fez-se a leitura da obra francesa a partir da história da Casa que João construiu para os alunos do 3º ano, após a leitura os alunos fizeram os seus registros, de acordo com sua compreensão a respeito da obra lida (Figuras 13 e 14). A história foi a mesma aplicada na turma do 2º ano (Anexo 1).



Figuras 13 e 14: Escrita e ilustração da história Casa que João construiu, 3ºano.

Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

No texto, da Figura 13, Emily Albuquerque da Silva, 8 anos, 3ºano, escreveu: “o joã contruio mastina o queijo e tina u rato e queme o queijo e tina o gato e core A tras de u rato e tina o cachorro e coreu A trais do gato e tina o maminina conchife e concabelo e trasado que coreu a tra do cachorro aitina um ma galina A Cordu o padre e tina um Ma Vaca e esta comendo”.

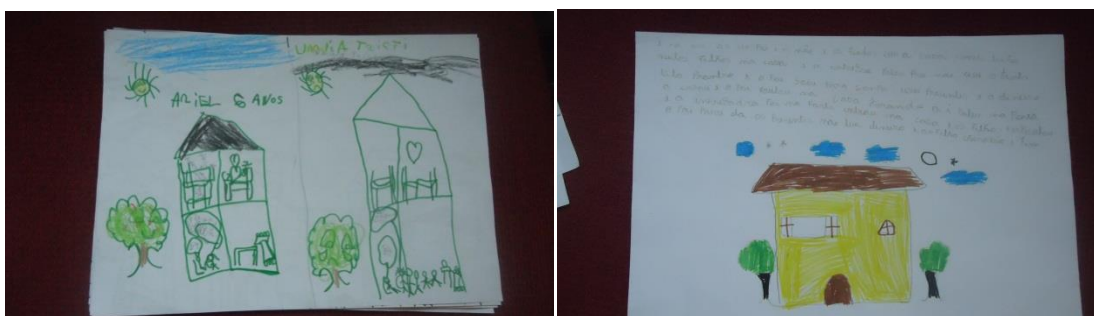
No texto, da Figura 14, Filipe, 8 anos, 3ºano, escreveu: “Na casa do guão tina um igo e e ripe rato disi a xegou umrato ce vioce i go e tina um gato cecoreoca trais do rato e feis um pla No para pega o rato e eli conrigiu is capai o pobri rato morel”.

Os registros presentes, nos textos das Figuras 13 e 14, corroboram de certa forma a sequência da narrativa, e ainda evidenciam o esforço dos alunos em dominarem a técnica da escrita. Diante desses registros podem-se constatar as contribuições da metodologia aplicada de contação de histórias para o processo de alfabetização das crianças, uma vez que alunos do 3º ano escrevem textos a partir das histórias lidas e

contadas. Ainda que os alunos demonstrem ter que avançar em conhecimentos sobre os aspectos formais, sejam gramaticais como ortográficos, esses alunos estão escrevendo textos com os recursos linguísticos que dispõem no momento da alfabetização em que se encontram.

Em 19.09.2014, a contação de história foi feita em forma de encenação a partir da obra *Um dia feliz, um dia triste na casa da família Smith*¹. Os alunos participaram da construção interpretando os sentimentos dos personagens. A história narrava um dia feliz e um dia triste na casa de uma família conhecida como família Smith, a qual tinha como personagem o Sr. Smith, a Sr^a Smith, os seus filhos e filhas e mais a empregada da família Smith. No dia feliz, as personagens se encontravam todas radiantes de tanta felicidade eram risos para todos os lados, já no dia triste se encontravam melancólicas tristonhas e choravam demais.

Neste dia, a narrativa foi interpretada com alunos do 2º ano, eles souberam encenar a história com desenvoltura, já que suas performances caracterizaram a interpretação do dia feliz com sorriso estampado no rosto e o dia triste com atitude de estarem em prantos em um choro total, como configuram os registros feitos por eles, após eles terem encenado a narrativa (Figuras 15 e 16). Esta história foi reformulada a partir da prática de observação de uma contação de história (SESC Boulevard), em que a autora deste artigo em um período de 6 meses fez laboratório, para saber se portar, na hora da contação na prática aqui relatada, de fevereiro a agosto de 2014.



Figuras 15 e 16: Escrita e ilustração da história *Um dia feliz, um dia triste na casada família Smith*, 2ºano.

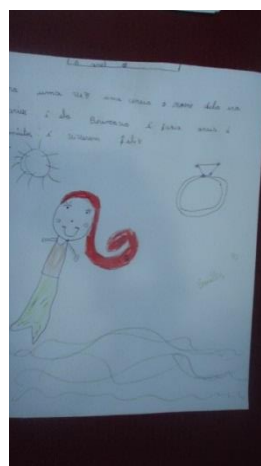
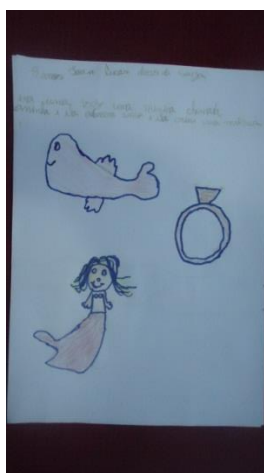
Fonte: Pesquisa de campo, 2014

¹ SESC, Boulevard Centro de Cultura. *Um dia feliz e um triste na casa da família Smith*. Contação de história para criança. Criação oral. Abril, 2014.

Na Figura 15, os registros de Ariel, 6 anos, 2º ano, priorizam o uso de desenhos. Na Figura 16, Ana, 7 anos, 2ºano, além de desenhar, escreveu: “e ra uma vez um pai e a mãe e os findos que a casa ismiti tinha muitos filhos na casa e a inprega falou pra mãe que o janta ista prontro e o pai saiu para compa usn presentes e o dineiro acabou e o pai voutou na casa jorando ai bateu na porta e a inprigadra foi na pora entrou na casa e os filhos perguntou o pai papai da os presentes não tem dineiro e os filhos choravão e fim”.

Nas figuras acima, os registros em forma de desenhos e em produção de textos refletem muito bem o entendimento da narrativa por parte dos alunos, e ainda caracterizam a participação dos personagens na narrativa, uma vez que levam em consideração em seus registros os acontecimentos mais importantes e ainda respeitam a ordem cronológica dos fatos.

Em 22. 09.2014, foi contada a história da Aninha do anel para os educandos do 3º ano, que era uma menina que, por gostar tanto de anel, fazia anel de todas as coisas, fazia anel de fio, de folha, de balão, de canudinho e de tudo que imaginava. Gostava muito de brincar da brincadeira do passa anel com seus amigos, até que um dia resolveu ir à praia e ao mergulhar perdeu o seu anel. Foi quando ela inventou uma música². Nesse dia, depois de ser contada a história da Aninha do anel, foi feita a brincadeira do passa o anel entre as crianças e também foi exposto um vídeo aos alunos com a ilustração da música para que eles fizessem seus registros (Figuras 17 e 18). A história da Aninha do anel foi construída pela professora estagiária para complementar a atividades neste dia.



Figuras 17 e 18: Escrita e ilustração da história Aninha do anel, 3ºano.

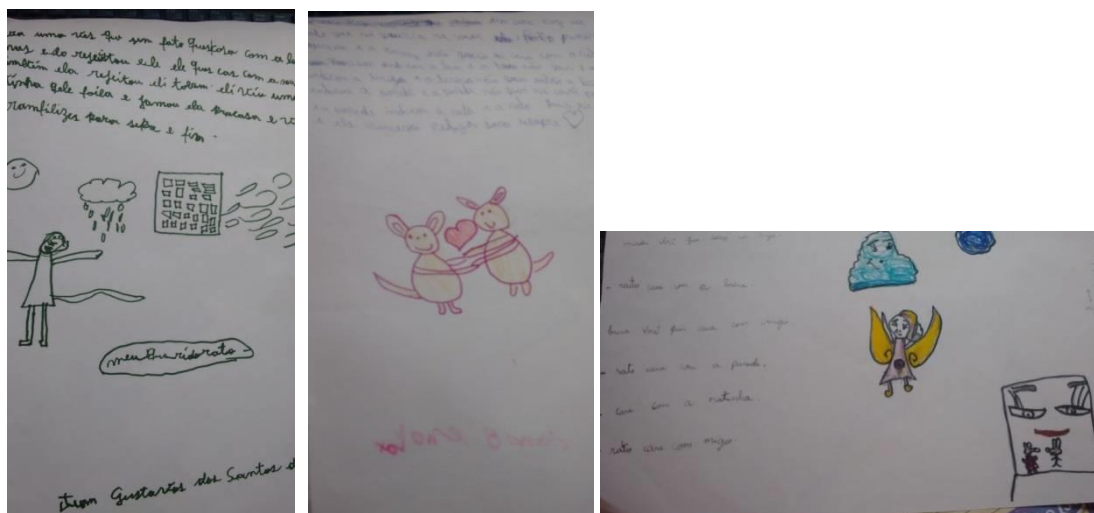
² BEDRAN, Bia. *Ciranda do anel*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h79ibs2jNvQ>.

Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

No texto da Figura 17, Iann Lucas Alves de Souza, 8 anos, 3ºano, escreveu: “era uma vez uma menina chamada aninha e ela adorava aneo e ela criou uma música”. No texto da Figura 18, Emilly, 8 anos, escreveu: “era uma vez uma cereia o nome dela era arieu é ela brincava é fazia aneis ´muios: é viveram feliz”.

Pode-se ver que os registros evidenciam a compreensão da narrativa por parte dos alunos, e ainda eles dão ênfase a ação dos personagens, inclusive dando nome aos personagens de acordo com suas vivências a exemplo do texto da Figura 18, quando a aluna atribui significado a sereia a uma personagem de um desenho animado da Disney, por meio do nome Ariel, estabelecendo a intertextualidade com outra história conhecida.

Em 23.09.2014, foi trabalhada a história Rato meu querido rato³, quando foi exposto um vídeo que contava a história de um rato que queria muito se casar, cortejava a lua, a nuvem, a brisa, o muro, mas era sempre rejeitado por todas as pretendentes que diziam que não eram assim de fino trato para selar o tal contrato para se casar, assim sendo uma rata, a por último ser cortejada, acabou aceitando o tal pedido de casamento, onde foram feitos um para o outro e foram felizes para sempre (Figuras 19, 20 e 21).



Figuras 19, 20 e 21: Escrita e ilustração da história Rato meu querido rato, 3ºano.

Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

³ TATIT, Paulo; PERES, Sandra. *Palavra cantada: Rato meu querido rato*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=piu12_ESfzE

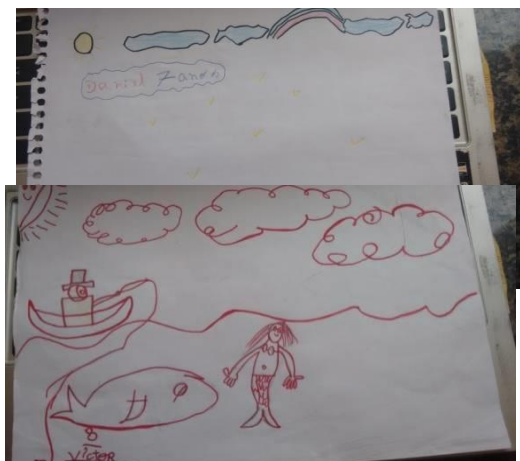
No texto da Figura 19, Juan Gustavo dos Santos de Souza, 9 anos, 3ºano, escreveu: “era uma ves que um rato ques casa com a lua mas ela rejeitou ele ele quisques cas com a nuvem também ela rejeitou eli tabem eli viu uma ratinha qeile foila e jamou ela pra casa e viveramfilizes para sepre e fim”.

No texto da Figura 20, Xayane, 8 anos, 3ºano, escreveu: “era uma vez um rato que se queria se casar e foi primeiro a nuvem e a nuvem não queria se casa com o rato e a nuvem endicou a lua e a lua não quis e a lua indicou a briza e a brisa não quis então a brisa indicou a parede e a parede não quis se casar com o rato e a parede indicou a rata e a rata quis se casar e ele viverão felizes para sempre”.

No texto da Figura 21, Izabel Yukari, 8 anos, 3ºano, escreveu: “era uma vez um rato que queria casar então casou com a lua mas a lua disse: -rato eu não dar para casar com você você tem que casar com a nuvem. Nuvem. Nuvem você quer casar com migo -rato casa com a brisa Brisa vocêquer casa com migo - rato case com a parede -case com a ratinha -rato case com migo”.

Os registros confirmam o entendimento do conteúdo do texto por parte dos alunos, e também da sequência dos acontecimentos da narrativa, que é visível na produção dos textos acima que é demonstrado por meio do rodízio de pretendentes que o personagem do rato corteja para se casar, nos registros também é evidente a fidelidade dos alunos as ordens dos acontecimentos da história.

Em 25. 09. 2014, foi contada a história da Aninha do anel para os educandos do 2º ano, que era uma menina que por gostar tanto de anel, fazia anel de todas as coisas, fazia anel de fio, de folha, de balão, de canudinho e de tudo que imaginava. Do mesmo modo que na turma do 2º ano, neste dia, depois de contada a história foi feita a brincadeira do passa o anel com as crianças e também foi exposto um vídeo aos alunos com a ilustração da música para que eles fizessem seus registros (Figuras 22, 23 e 24).



Figuras 22, 23 e 24: Escrita e ilustração da história Aninha do anel, 2ºano.

Fonte: Pesquisa de campo, 2014

Os registros em forma de desenhos expressam o entendimento da narrativa. Os alunos demonstram os acontecimentos mais importantes da história e uma supervalorização dos personagens, característica muito forte nos registros dos alunos do 2º ano. Nessa etapa, o uso de outros tipos de linguagens e tecnologias favoreceram de maneira muito significativa tanto para a metodologia de ensino, quanto para a aprendizagem dos alunos.

5. Reflexão sobre a prática: análise e discussão dos dados

Na primeira experiência se deu o primeiro contato com a prática docente, quando surgiu a ideia de se trabalhar a contação de histórias de maneira a contribuir com o processo de alfabetização dos alunos, mesmo sem ter conhecimento do gênero e da fundamentação teórica, até porque nesse momento acreditava-se que o universo do trabalho a partir da contação de história restringia-se apenas ao universo das lendas. Inicialmente, nessa experiência era feita apenas a leitura das lendas para as crianças, haja vista que ouvir narrativas é também uma forma de prática de leitura só que oralizada e também eram feitas atividades teatrais a partir das lendas que possibilitava o trabalho de expressão corporal que muito contribuiu para expressão dos educandos e a compreensão das histórias lidas.

Na segunda experiência é que veio contribuir bem mais com minha formação, uma vez, que nessa prática pude contemplar outros universos que potencializavam o ensino a partir da contação de histórias, dentre outros, cito o Projeto da Ciranda do Livro, cujo objetivo foi motivar os alunos a exercitarem a prática da leitura por meio do rodízio das obras.

Na experiência, na escola da ilha, se destacou a prática aplicada simultaneamente com a encenação da história sobre a história: Um dia bom e um dia ruim na casa família Smith. A interpretação ficou por conta do comando da narrativa

reconstituída pela a expressão corporal em uma dinâmica teatral. Nessa prática, os alunos se envolveram e até produziram toda a história em seus registros, já que recontavam a história, considerando as partes importantes da narrativa e até se identificavam quando finalizavam ou davam continuidade por meio das suas próprias vivências cotidianas.

Nesta etapa, observou-se a relevância de se selecionar outras histórias, a fim de ampliar o repertório linguístico e literário dos alunos, a serem lidas outras histórias, além de lendas. Um critério na seleção das histórias foi o tamanho do texto, porque se observou que a extensão da história lida e o modo de apresentação da história aos alunos afetava a atenção dos alunos durante a leitura. Isso porque foi observado que alunos da faixa etária de 7 a 10 anos tendem a ficar dispersos quando o texto é muito longo, distribuído em muitas páginas. Outro aspecto observado foi que a contação de histórias, por ser mais espontânea e incluir a gesticulação do professor, ganha uma atenção maior dos alunos do que apenas a leitura do texto pela professora em voz alta.

De modo que os critérios de diversificação de textos literários, extensão da história em relação à faixa etária a que se destina a leitura foram considerados na escolha das histórias a serem trabalhadas com os alunos na experiência relatada na seção anterior. Foram seis as histórias selecionadas e dez as sessões de contação de histórias trabalhadas com os alunos em sala de aula (Quadro 1).

QUADRO 1: Cronograma das histórias lidas ou contadas

| | Histórias | Turmas | Datas |
|---|---------------------------|---------------|----------------|
| 1 | A casa que João construiu | 2º ano | 09/09/201 4 |
| 2 | O atraso | 3º ano | 11/09/201 4 |
| 3 | Jujubalândia | 2º ano | 12/09/201 4 |
| 4 | Jujubalândia | 3º ano | 15/09/201 4 |
| 5 | O atraso | 2º ano | 16/09/201 4 |
| 6 | A casa que João construiu | 3º ano | 18/09/201 |

| | | | |
|--------|--|--------|----------------|
| | | | 4 |
| 7 | Um dia feliz, um dia triste na casa da família Smith | 2º ano | 19/09/201 4 |
| 8 | Aninha do anel | 3º ano | 22/09/201 4 |
| 9 | Rato meu querido rato | 3º ano | 23/09/201 4 |
| 1 0 | Aninha do anel | 2º ano | 25/09/201 4 |

Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

Com as práticas de leitura em sala de aula realizadas, destacamos que a leitura prévia da história pelo contador de histórias que domina seu conteúdo lhe dá maiores condições de ler com a interpretação e a gesticulação adequadas, além de conceder maior ênfase e clareza na entonação e na pronúncia de palavras da história. Observou-se que o conhecimento prévio da história e a gesticulação, acompanhados de ênfase, entonação e pronúncia adequada das palavras, facilitou a recepção da história por parte dos alunos. Além disso, apesar de se trabalhar com a leitura em voz alta da história, na contação buscou-se agregar outras linguagens além do uso do livro, como teatro, vídeo, músicas, brincadeiras, gesticulação e desenhos, enquanto práticas de multiletramentos (ROJO, 2012, 2013), que favorecem as práticas de leitura na sala de aula.

No decorrer das atividades, os alunos interagiram e trocaram ideias compartilhando seus registros, em um processo de interação verbal. Os registros serviram de análise para refletir sobre os elementos da história que as crianças apreenderam das práticas de oralidade. Em seus registros evidenciou-se, principalmente, a presença dos personagens das histórias e nos acontecimentos mais marcantes da história, isso proporcionou momentos de reflexão e compreensão das histórias e atividades de aprendizagem da escrita de textos, uma vez que as crianças escreveram textos apoiadas em um texto já conhecido. Ainda que as crianças escrevessem textos com marcas da oralidade, verificou-se que esta metodologia favoreceu avanços nas produções escritas dos alunos. De modo que, a concepção de leitura que fundamentou a proposta não se limitou a leitura como decifração do escrito apenas, mas como ampliação da visão de mundo (FREIRE, 1989).

Dessa forma, a aplicação da proposta de leitura a partir da dinâmica de contação de história foi bem apropriada a essa escola, pois os alunos demonstram-se bem participativos, pois se envolveram bastante na prática, não somente como ouvintes, mas também como atuantes desse processo, uma vez que eles também além de toda atenção, participação, colaboração por fazerem seus registros a cada livro lido ou contado, praticavam também a encenação das narrativas e a escrita de textos próprios a partir das histórias ouvidas. Pode-se observar que estas práticas contribuíram para a alfabetização e letramento das crianças que se encontram nos anos iniciais de escolarização, conforme propõe Soares (2011).

Por fim, na prática, em duas turmas em uma escola em Icoaraci, foi muito proveitosa, haja a vista que essa escola não possuía um projeto para promover as práticas de leitura. De acordo com o observando, as atividades de leitura na sala de aula eram pontuais e na maioria das vezes se limitava ao uso do livro didático e a experiência lá realizada, além de servir de aprendizado para a formação docente da professora-estagiária, ampliou as possibilidades de leitura e acesso a textos literários às crianças das turmas envolvidas.

6. Considerações finais

Este trabalho teve por objetivo elaborar uma proposta de contação de histórias, como prática de leitura no processo de alfabetização e letramento (SOARES, 2011), a fim de proporcionar acesso ao conhecimento linguístico e literário às crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A proposta didática se baseou em práticas de oralidade, leitura e escrita (MARCUSCHI, 2008), vivenciadas pela turma, na qual a professora/estagiária contava história para a turma a partir da qual foram exploradas atividades de escrita, recontando a narrativa, em um movimento do oral para o escrito.

Do ponto de vista didático, as atividades realizadas envolveram diferentes estratégias de leituras (SOLÉ, 1998), sendo audição (contação oral), leitura de livros do acervo próprio da instituição, em um movimento também de troca de livros entre os estudantes fazendo com que cada um tivesse sua própria compreensão sobre as narrativas.

A dinâmica de leitura a partir da contação de história teve repercussão junto a comunidade dessa escola, pois insistentemente os alunos das outras turmas e os professores titulares solicitavam a dinâmica de leitura à professora-estagiária responsável pela prática, o que denuncia a ausência de atividades que estimule o ato de

leitura entre os alunos nessa comunidade escolar. Isso porque, mesmo ainda nas turmas atendidas, constatou-se a falta de um projeto de leitura na escola, cuja execução faz-se necessária, haja vista que em muitos relatos dos alunos do 2º e 3º ano, ouviu-se que em casa seus responsáveis não promovem e nem estimulam a leitura no cotidiano das crianças e muito menos fornecem condições para isso, já que não se dispõem de materiais de leitura e nem livros, deixando de certa forma para escola tal responsabilidade.

Neste sentido, Soares (2011), considera que o acesso ao mundo da escrita é de responsabilidade da escola, mais precisamente no processo de escolarização. Para a autora, cabe à escola proporcionar ao aluno tanto a aprendizagem das habilidades básicas de leitura e de escrita, denominada alfabetização, quanto o desenvolvimento, para além dessas aprendizagens, incluindo também os conhecimentos e as atitudes nos usos sociais da leitura e da escrita, denominado letramento.

De maneira geral, no decorrer da experiência foram delineadas as seguintes etapas metodológicas para um trabalho de contação de histórias em sala de aula: (1) conversa informal com os alunos para apresentação da história; (2) explicação sobre a função do autor e do ilustrador das histórias, incentivando os alunos a serem autores de seus próprios textos; (3) leitura e/ou contação de histórias pela professora/estagiária, com a participação cênica dos alunos destacando os acontecimentos; (4) registros pela criança por meio de textos escritos e desenhos. Neste sentido, “aprender a ler implica o desenvolvimento de estratégias para obter sentido do texto”, o que requer organização e evolução de esquemas sobre a informação presente no texto, Ferreira e Palacio (1990, p. 21).

Este trabalho favoreceu não somente a aprendizagem dos alunos, mas também promoveu as relações de afetividade, uma vez que, como monitora da prática mesmo por um período de curto de tempo, os alunos manifestaram interesse e gosto pelas atividades de leitura propostas, cuja participação favorece o exercício de sua cidadania. Neste sentido Freire (1989), diz: a leitura é um instrumento fundamental para que o sujeito construa seu conhecimento e exerça sua cidadania. Isso porque a leitura, além de ampliar o entendimento de mundo que o leitor vem construindo, proporciona o acesso ao conhecimento com autonomia e possibilita a reflexão crítica, o debate e a troca de ideias de modo contextualizado.

Por fim, a estratégia de leitura, adotada como proposta metodológica a partir da dinâmica de contação história, possibilitou um trabalho bem mais consciente e

reflexivo, no que diz respeito às ações metodológicas a serem desenvolvidas com crianças em sala de aula. Na experiência vivenciada, em 2014, a proposta de contação de histórias revelou que era relevante às crianças em processo de alfabetização a realização de um trabalho com uma variedade de histórias infantis. Já a estagiária-professora, que se encontrava em formação inicial, teve a oportunidade de promover um ensino voltado para uma pedagogia de projeto, conforme sugerem Rojo e Moura (2012), que discutem a possibilidade de se incluir na escola projetos como práticas de multiletramentos.

Além disso, com o desenvolvimento das ações houve muitas aprendizagens por parte da estagiária/bolsista/aluna do curso de graduação, cuja reflexão a partir da prática foi redimensionando suas ações e repercutindo em sua formação como docente.

7. Referências

- ABRANTES, José. *Fazer monografia é moleza: o passo a passo de um trabalho científico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.
- FAZENDA, Ivani. (org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- FERREIRO, Emilia; PALACIO, Margarita Gomes. *Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23.ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual: análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.
- ROJO, Roxane. *Entrevista Multiletramentos, multilinguagens, novas aprendizagens*, em 15/10/2013. Disponível em:<http://www.grim.ufc.br/>. Acesso em: 18 jun. 2014.
- SOARES, Magda. *Letramento e escolarização*. Disponível em: <http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1247>. Acesso em: 21 abr. 2014.
- SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

TRESCASTRO, Lorena Bischoff. Escrita de texto pelo aluno na alfabetização. In: *Alfabetização, letramento e matemática*. Belém: SEMEC/ECOAR, 2012. p. 51-63

ANEXOS

ANEXO 1: História do livro *A casa que João construiu*⁴

A casa que João construiu.

Esta é a casa que o João construiu.

Este é o queijo que estava na casa que o João construiu.

Este é o rato

Que comeu o queijo

Que estava na casa que João construiu.

Este é o gato

Que pegou o rato

Que comeu o queijo

Que estava na casa

Que João construiu.

Este é o cão

Que perseguiu o gato

Que pegou o rato

Que comeu o queijo

Que estava na casa que o João construiu.

Esta é a vaca de chifre quebrado

Que bateu no cão

Que perseguiu o gato

Que pegou o rato

Que comeu o queijo

⁴ BREITMAN, André Koogan. *A casa que João construiu*. Companhia de Desenhos - Editora Delta.

Que estava na casa que João construiu.
Esta é a menina de cabelo trançado
Que tira leite da vaca
de chifre quebrado
Que bateu no cão
Que perseguiu o gato
Que pegou o rato
Que comeu o queijo
Que estava na casa que João construiu.
Este é o rapaz
Pobre e esfarrapado
Que beijou a menina
de cabelo trançado
Que tira leite da vaca
De chifre quebrado
Que bateu no cão
Que perseguiu o gato
Que pegou o rato
Que comeu o queijo
Que estava na casa
que João construiu.
Este é o padre
da igreja ao lado
Que casou o rapaz
pobre e esfarrapado
Que beijou a menina
De cabelo trançado
Que tira leite da vaca
De chifre quebrado
Que bateu no cão
Que perseguiu o gato
Que pegou o rato
Que comeu o queijo
Qu estava na casa
Que João construiu.
Este é o galo
Que acordou o padre da igreja ao lado
Que casou o rapaz pobre e esfarrapado
Que beijou a menina de cabelo trançado
Que tira leite da vaca de chifre quebrado
Que bateu no cão

Que perseguiu o gato
Que pegou o rato
Que comeu o queijo
Que estava na casa que João construiu.
Este é o fazendeiro que lavra o roçado
Que alimenta o galo de canto desafinado
Que acordou o padre da igreja ao lado
Que casou o rapaz pobre e esfarrapado
Que beijou a menina de cabelo trançado
Que tira leite da vaca de chifre quebrado
Que bateu no cão
Que perseguiu o gato
Que pegou o rato
Que comeu o queijo
Que estava na casa que João construiu.

ANEXO 2: História do livro O ATRASO⁵

Era inverno, muito frio.

E o dia não apareceu...

As estrelas piscavam desconfiadas, perguntando umas as outras:

“O que será que aconteceu?”

A Lua, prestava, resolveu fazer hora extra:

Ficaria um pouco mais a clarear, iluminar...

Os bichinhos, assustados, espiavam para fora,
mas voltavam, rapidinho, para dentro de suas tocas.

As florezinhas, coitadas, tão tristes,

Sentiam falta do sol esquentando suas folhinhas.

A Borboleta, decidida, foi falar com a Fadinha, sua amiga:

– Por favor, dona Fadinha, suba até o céu e pergunte

O que está acontecendo. Assim não podemos ficar.

Como é que os passarinhos vão saber quando cantar?

E lá foidona Fadinha atender o apelo.

Chegando ao céu, bateu à porta. Nada...

Ninguém respondia...

Demorou pra ser atendida.

Finalmente, sentiu um calorzinho,

E uma luz, pela fresta, começou a enxergar...

Era o Sol, que estava acordando_ perdera a hora de se levantar. Todo nervoso, pedindo desculpas, mandou dizer a todos que, bem depressa, despertaria o Dia...

Chegando ao dormitório, o Sol, todo atrapalhado, não sabia quem acordar.

Em uma cama dormia o ONTEM,

noutra o HOJE, mais adiante o AMANHÃ...

Foi à primeira, cutucou e escutou:

– Já trabalhei. Eu sou o ONTEM.

Acorde o HOJE ou o AMANHÃ.

O Sol, então, parou para pensar e acertou.

Acordou o HOJE. O AMANHÃ seria depois...

Vestiram-se e saíram para trabalhar.

Nunca é tarde para o Sol brilhar...

Sempre há tempo para o dia começar...

⁵ NUCCI, Nely A. Guernelli. *O atraso*. 16.ed. São Paulo: Paulinas, 2013.

ANEXO 3: Resumo da história Jujubalândia⁶

Havia um reino chamado de Jujubalândia onde todas as coisas eram feitas de guloseimas e gostosuras, até os rios e as montanhas eram feitos de cremes, sorvetes e os rios de chocolates. Nesse reino só havia guerra de sorvetes e tortas. Nesse reino havia um garoto chamado Suspiro que vivia rodeado por seus amigos, o Brigadeiro, o Fast Food, a Pipoca e Maria Mole, também tinha um cachorro chamado Laricão.

Um dia estavam as crianças brincando, quando de repente o Fast Food chegou com a notícia terrível que as vovós de Jujubalândia haviam sido sequestradas pela a bruxa Anoréxica. Segundo a lenda, ela havia se transformado em bruxa por causa de uma maldição chamada anorexia e essa maldição fez com que a bruxa ficasse com ódio de comida e das vovós cozinheiras do reino. O plano da bruxa era derreter Jujubalândia e fritar as avós em azeite fervendo, cabendo desta forma as crianças a responsabilidade de frustrar o plano da bruxa com a ajuda do rei Apetite, que logo explicou que existiria apenas uma maneira de deter a bruxa, que seria por meio de uma receita mágica que havia desaparecido Sendo assim, o rei montou um plano, mas o que eles não sabiam era que a bruxa assistia a tudo por uma bola de cristal. Aí ao voltarem para casa as crianças descansaram no campo das maçãs do amor, onde Suspiro e a Pipoca deram o primeiro beijo da vida deles ao anoitecer e ainda ao amanhecer caíram em uma armadilha da bruxa anoréxia que amarrou as crianças em cima de uma panela de azeite fervendo, e que quando ela ia cortar a corda a Pipoca de repente teve uma grande idéia, onde pediu para que todas as crianças fizessem bolas de chicletes ao mesmo tempo, para que quando as bolas se juntarem, formassem um gigante balão de chiclete, e esse balão fizesse com que as crianças saíssem voando. Para impedir que as crianças fugissem Anoréxia atirou um gafo no balão, o que ela não imaginava era que as crianças e o balão de chiclete fossem cair bem em cima dela. Desta forma ficando presa no chiclete foi fácil fazer a bruxa engolir a receita mágica, que era feita de coisas que a anoréxica nunca havia experimentado: maçã-do-amor, beijinho e sonho, após comer, a Anoréxica passou muito mal e logo se transformou em uma linda princesa.

Assim sendo, todos foram convidados para um grande banquete no castelo do rei Apetite, onde tudo terminou em uma guerra de tortas, brincadeira iniciada por Suspiro e Pipoca, e assim todos foram felizes para sempre.

⁶ CALTABIANO, Mariana Linhares. *Jujubalândia*. São Paulo: Brinque-Book,1997.

ANEXO 4: Carta de Aceite



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO



XII SEMINÁRIO NACIONAL DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS E CURRÍCULO
I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS, CULTURA E FORMAÇÃO
DE PROFESSORES

25, 26 e 27 de novembro de 2014

CARTA DE ACEITE

Caro(a) autor(a), MICHELLI NEVES MAGNO

E co-autor (es), LORENA BISCHOFFTRESCASTRO

A Comissão Científica do *XII Seminário Nacional de Políticas Educacionais e Currículo e I Seminário Internacional de Políticas Públicas Educacionais, Cultura e Formação de Professores* vem informar que o Trabalho de sua autoria *PRÁTICAS DE LEITURA A PARTIR DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: APRENDIZAGENS NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR* foi **APROVADO** para ser apresentado na modalidade PÔSTER, no **GT4** - Políticas Educacionais de Formação e Trabalho Docente *conforme Programação a ser divulgada posteriormente, no site do evento:*

<http://www.ppged.belemvirtual.com.br/seminario/index.html>

A Comissão organizadora conta com sua presença no evento.

Atenciosamente,

Profa. Dra. Vera Lúcia Jacob Chaves

p/ Comissão Organizadora

Belém, 12 de novembro de 2014.

ANEXO 5: Resumo expandido publicado nos Anais**GT4 – Políticas Ed. de Formação e Trab. Docente****PRÁTICAS DE LEITURA A PARTIR DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: APRENDIZAGENS NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR**

Michelli Neves Magno (UFPA)

Orientadora: Profa. MSC. Lorena BischoffTrescastro (UFPA)

RESUMO: Este trabalho apresenta reflexões acerca das aprendizagens na formação inicial docente, no decorrer das observações e práticas em sala de aula desenvolvidas em situação de estágio de iniciação à docência na condição de bolsista do programa PIBID, mediante o desenvolvimento de um projeto de alfabetização de crianças a partir da contação de histórias. A problemática da pesquisa decorre das seguintes questões: (1) que atividades de contação de histórias são realizadas em sala de aula? (2) quais são os materiais usados nas atividades de leitura em sala de aula? (3) como a professora encaminha tais atividades em sala de aula? (4) de que modo às crianças respondem às atividades de contação de histórias? (5) que propostas de contação de história poderiam ser elaboradas com vistas a formar crianças leitoras? A pesquisa de cunho qualitativo (LÜDKE e ANDRÉ, 1986) foi desenvolvida em sala de aula, com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A metodologia do estudo compreendeu cinco etapas: (1) Na primeira etapa foram feitas observações em sala de aula; (2) Na segunda etapa foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre o tema; (3) Na terceira etapa foi desenvolvida uma proposta de atividades de contação de história; (4) Na última etapa, foi aplicada a proposta de atividades de contação de história na sala de aula, compreendendo 10 aulas, com duração de dois meses; (5) Na quinta etapa foi feito o relato da experiência e a análise da experiência realizada em sala de aula no Ensino Fundamental. O projeto foi delineado e desenvolvido desde o ingresso da aluna no curso de graduação, culminando com a experiência, analisada neste trabalho, realizada em 2014, em duas turmas de uma escola, localizada no distrito de Icoaraci, em Belém-PA, sendo uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, composta por vinte e três alunos, e outra do 3º ano do Ensino Fundamental, composta por vinte e oito alunos, totalizando 51 crianças e uma professora/estagiária. Do ponto de vista didático, as atividades realizadas envolveram diferentes estratégias de leituras (SOLÉ, 1998), sendo audição (contação oral), leitura de livros do acervo próprio da instituição, em um movimento também de troca de livros entre os estudantes fazendo com que cada um tenha sua própria compreensão sobre as narrativas. Este estudo teve por objetivo elaborar uma proposta de contação de histórias, como prática de leitura no processo de alfabetização e letramento (SOARES, 2011), a fim de proporcionar acesso ao conhecimento linguístico e literário às crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A proposta didática se baseou em práticas de oralidade, leitura e escrita, vivenciadas pela turma, na qual a professora/estagiária contava história para a turma a partir da qual foram exploradas atividades de escrita, recontando a narrativa, num movimento do oral para o escrito. As etapas metodológicas utilizadas foram: (1) conversa informal com os alunos para apresentação da história; (2) explicação sobre a função do autor e do ilustrador das histórias, incentivando os alunos a serem autores de seus próprios textos; (3) leitura e/ou contação de histórias pela professora/estagiária, com a participação cênica dos alunos destacando os acontecimentos; (4) registros pela criança por meio de textos escritos e desenhos. Foram

contadas cinco histórias para cada turma, envolvendo leitura, contação espontânea e dramatizada. No decorrer das atividades, os alunos interagiram e trocaram ideias compartilhando seus registros, em um processo de interação verbal. Os registros servem de análise para refletir sobre os elementos da história que as crianças apreenderam das práticas de oralidade. Em seus registros evidenciou-se, principalmente, a presença dos personagens das histórias, uma vez que as crianças escreveram textos apoiadas em um texto já conhecido. Ainda que as crianças escrevessem textos com marcas da oralidade, esta metodologia favoreceu avanços nas produções escritas dos alunos. A concepção de leitura que fundamentou a proposta não se limitou a leitura como decifração do escrito apenas, mas como ampliação da visão de mundo (FREIRE, 1989). Nesse trabalho detectamos que a prática de contação de histórias tem muito a contribuir com o processo de ensino e aprendizagem do educando, pois seu uso no ensino caracterizou-se como uma prática facilitadora do processo de ensino e aprendizagem na alfabetização das crianças, tornando o conhecimento acessível ao educando, principalmente aqueles que ainda não sabiam ler e escrever plenamente, porque com a proposta didática desenvolvida, observou-se que os alunos conseguiram se manifestar sobre as suas compreensões leitoras e aquisições de conhecimentos seja por meio de textos escritos ou em desenhos e até mesmo por meio de encenações de teatro, proporcionando o que se chama multiletramentos (ROJO, 2012).

Palavras-chave: Alfabetização. Contação de histórias. Leitura. Formação inicial.

ANEXO 6: Certificado de Apresentação